



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FACED/CEAD
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LUCIENE DOMENICONE CRESPILO

Trabalho de Conclusão de Curso:

Tecendo memórias: memorial de uma formação, do Teatro à Pedagogia

Uberlândia/MG

2025

LUCIENE DOMENICONE CRESPILO

Trabalho de Conclusão de Curso:
Tecendo memórias: memorial de uma formação, do Teatro à Pedagogia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Pedagogia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Mário Borges Netto

Uberlândia/MG

2025

Trabalho de Conclusão de Curso:
Tecendo memórias: memorial de uma formação, do Teatro à Pedagogia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Pedagogia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia.

Uberlândia, 18 de junho de 2025.

Prof. Dr. Mário Borges Netto

Prof. Dr. Fábio Pessoa Vieira

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer à Universidade Federal de Uberlândia pela oferta do curso de Pedagogia à Distância, sem essa modalidade de ensino não teria a oportunidade de realizar essa formação. Aos professores que se desdobram para fazer um curso à distância de excelência, gratidão e admiração.

Preciso agradecer a minha família. Em especial a minha irmã por segurar as pontas em casa, se desdobrando, enquanto eu passava as horas estudando e entregando trabalhos e atividades.

E não posso deixar de agradecer aos meus filhos que me fazem quem eu sou hoje. Amor além de mim, inexplicável força que me leva adiante.

Aos alunos que cruzaram e cruzam meu caminho meu sincero agradecimento pela parceria na jornada.

Enfim, meus agradecimentos a todos que não me deixaram desistir, em especial, à Nádia, psicóloga e amiga que nunca deixa de acreditar e aos colegas de turma de Campinas que seguiram junto até o fim.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. COMEÇANDO A TECER: ORIGENS E INFÂNCIA	9
3. CONTINUANDO A TESSITURA: A FORMAÇÃO ACADÊMICA E O TEATRO	12
4. DO TEATRO À EDUCAÇÃO	17
5. TECENDO OS PRÓXIMOS DESAFIOS – PERSPECTIVAS.....	18
6. REFERÊNCIAS	21

RESUMO

Neste memorial, compartilho minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, destacando as experiências que me formaram como artista e educadora. Desde a infância vivida no interior de São Paulo, passando pelos primeiros encontros com o teatro, até a decisão de cursar Pedagogia já na vida adulta, reflito sobre como esses caminhos se entrelaçaram na construção da minha identidade docente. As vivências como mãe, atriz, professora de teatro e estudante estão profundamente ligadas aos saberes que desenvolvi ao longo da vida — saberes que, como apontam Tardif e Nôvoa, vão além da técnica e se enraízam na experiência. Escrever este memorial tem sido um exercício potente de reflexão, autoconhecimento e transformação. Reafirmo aqui meu compromisso com uma educação sensível, criativa e socialmente engajada, na qual a arte ocupa um lugar central na formação humana e no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Formação docente. Identidade profissional. Saberes da experiência. Teatro e educação.

ABSTRACT

In this memoir, I share my personal, academic, and professional journey, highlighting the experiences that shaped me as both an artist and educator. From my childhood in the countryside of São Paulo, through my early encounters with theater, to the decision to pursue a degree in Pedagogy in adulthood, I reflect on how these paths intertwined in the construction of my teaching identity. My experiences as a mother, actress, theater teacher, and student are deeply connected to the knowledge I have developed throughout life—knowledge that, as Tardif and Nôvoa suggest, goes beyond technique and is rooted in lived experience. Writing this memoir has been a powerful exercise in reflection, self-awareness, and transformation. Here, I reaffirm my commitment to a sensitive, creative, and socially engaged education, where art plays a central role in human development and learning.

Keywords: Education. Experiential knowledge. Professional identity. Teacher education. Theater and education.

1. INTRODUÇÃO

Neste memorial pretendo relatar minha trajetória pessoal e profissional. Afinal de contas ambas são duas e uma só coisa ao mesmo tempo. Meus pais me batizaram Luciene. Nasci, cresci e fiquei até os 17 anos na cidade de Jaú, interior de São Paulo. Desde os 17 anos moro na cidade de Campinas, cidade grande, universitária, mas bastante interiorana também. E isso com certeza marca minha maneira de ser e estar no mundo. Não sou uma cidadã cosmopolita, mas sim de jeito interiorano.

Com formação inicial em teatro, faço gosto em me apresentar assim:

Luciene
mãe, mulher, professora, palhaça, atriz, menina, estudante
ou seria
atriz, mulher, professora, mãe, palhaça, menina, estudante
ou ainda
estudante, atriz, mulher, professora, mãe, palhaça, menina,
que confusão
ordem cronológica?
bebê, criança, menina, estudante, atriz, palhaça, mulher, mãe, professora
ordem de importância?

Independente da cronologia ou o oposto, sou muitas e várias coisas, mas como estou confeccionando um trabalho de conclusão de curso, para concluir a minha formação em Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia, faço este exercício de escrever alguns aspectos da minha própria história, rever minha trajetória de vida e aprofundar na reflexão sobre ela enfocando principalmente os aspectos de professora e aluna.

No momento em que escrevo este memorial me encontro professora de teatro em uma escola particular da cidade de Campinas, estado de São Paulo. Além de professora também me encontro aluna do curso de Pedagogia da UFU, último semestre na incrível função de escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso. Escolhi o memorial por me interessar pela ideia de escrever sobre a minha formação onde poderia reunir algumas reflexões importantes no sentido de fechamento de mais um ciclo de vida. O processo de escrever um memorial é como um exercício de “puxar” pela memória, um relato de trajetória pessoal, porém com uma dimensão reflexiva no esforço de compreender-me como sujeito de minha própria história, uma tomada de consciência social e política.

Como destaca Tardif (2002), o saber do professor não é um mero conjunto de técnicas ou uma reprodução mecânica de conhecimentos, mas uma construção social e histórica que surge da interação entre os diversos saberes presentes na escola, na formação e na prática

cotidiana. Essa perspectiva fundamenta a importância de refletir sobre minha trajetória pessoal e profissional, que une as Artes Cênicas e a Pedagogia, reconhecendo que meu saber docente é resultado dessa complexa teia de experiências e aprendizagens.

A escrita deste memorial representa mais do que um exercício acadêmico para mim: é um processo de rememoração e reflexão sobre minha trajetória como professora de teatro e, agora, como futura pedagoga. Ao revisitar minha história, reconheço que minha formação não se dá apenas nos espaços formais de ensino, mas, sobretudo, nas vivências cotidianas da prática docente.

Inspirada nos estudos de António Nóvoa (1992), comprehendo que o professor se forma na e pela sua prática, e que a construção de uma identidade docente está ligada às experiências pessoais e profissionais que acumulamos ao longo da vida. Nesse sentido, o memorial assume uma dimensão formativa, pois permite articular minha trajetória artística com o percurso pedagógico, revelando como esses dois caminhos dialogam e se entrelaçam.

Narrar minha própria história é, portanto, uma forma de dar sentido às experiências vividas, ressignificá-las e reconhecer nelas os saberes construídos no chão da escola e nos palcos. Ao escrever, comprehendo melhor minhas escolhas, desafios e aprendizagens. Essa escrita autobiográfica não apenas documenta minha jornada, mas também me forma como sujeito docente — consciente, reflexiva e em constante transformação.

O uso do memorial de formação como instrumento de pesquisa e autoconhecimento se alinha ao entendimento de Tardif (2002), que enfatiza que o saber docente se articula tanto na prática quanto na reflexão sobre as experiências vividas. Assim, narrar minha história pessoal e profissional não só resgata memórias, mas também permite construir sentidos acerca do meu papel enquanto educadora, evidenciando a dimensão social e formativa do saber.

Neste processo de autoconhecimento levo em consideração as reflexões de Goffman:

Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (Goffman, 2002, p. 27)

A perspectiva de Erving Goffman (2002) me possibilita olhar para mim, e indagar o que se repete em todos os papéis sociais, mãe, mulher, professora, palhaça, atriz, menina, estudante, que eu represento e como conhecer a mim mesma nessas atribuições. Sou tantas coisas. Começo puxando a linha da memória pela infância, tomando cuidado para não embaralhar os fios, costuro as memórias e as saudades.

2. COMEÇANDO A TECER: ORIGENS E INFÂNCIA

infância...
 saudades da mãe, do pai, da vó, da tia, do vô,
 dos tios hippies barbudos e cabeludos,
 a maioria já partiu deste plano...
 do sítio onde brincava de casinha com pedrinhas e pauzinhos
 debaixo da árvore enorme
 pouco tempo com a mãe e o pai juntos, uns cinco anos,
 separação, desquite, era assim que chamava na época...
 uma marca difícil de levar...
 mãe para um lado, pai para o outro,
 vai morar com os avós!

Passei por uma situação bastante incomum na época da escola: meus pais se separaram, para se ter uma ideia minha mãe era a única mulher na cidade que era desquitada, termo utilizado na época com forte conotação pejorativa. Este fato influenciou na minha vida escolar, nos primeiros anos, muitas vezes me sentia diferente das outras crianças por isso, até mesmo envergonhada. Desde então fui morar na casa da minha avó materna onde além dos avós, convivia com tias, tios e foram eles as presenças mais marcantes no meu cotidiano.

piolho, muito, muitas vezes...
 piolhenta!!! manteiga derretida!!
 bolsista na escolinha particular
 colo da professora no primeiro ano,
 a tia Heleninha, que escreveu no seu livro de contos sobre os alunos,
 e sobre a Luciene disse:
 “Olhinhos puxados, inteligência brilhante, coração pleno de amor - eis Luciene, minha
 filhinha, minha linda e adorável “filhinha””...
 carência estampada nas páginas do seu livro
 junto com a doçura da mestra de então
 que tinha um colo quando eu precisava,
 eu era a chorona da escola

Tendo ido morar com meus avós e tios aos cinco anos foram eles a minha maior influência, as pessoas com quem convivia diariamente, já que pai e mãe eram presentes nos fins de semana.

Da primeira infância, apesar de ter frequentado a educação infantil, tenho pouca, praticamente nenhuma memória escolar. Creio que me lembro da escola porque visitei o prédio depois de alguns anos, e morava na região próxima, então muitas vezes passei na frente. Única memória que me vem é de uma horta muito grande.

A partir do primeiro ano tenho mais lembranças. A mais forte de todas é da professora tia Heleninha que até escreveu um livro de crônicas onde falava de cada um de nós, seus alunos. Lembro-me do afeto e do carinho daquela senhora de cabelos brancos por cada um. Dessa época lembro também de passar muita vergonha quando mandavam deitar a cabeça na carteira e olhavam os cabelos de um por um para ver quem tinha piolho! Eu sempre tinha.

Ao recordar minha experiência na escola no final dos anos 1970, não posso deixar de traçar um paralelo com o conto "Conto de Escola" de Machado de Assis. Assim como o protagonista da narrativa, que enfrenta a rigidez do ambiente escolar, eu também vivia um misto de ansiedade e vergonha em meio aos meus colegas. No entanto, havia uma diferença fundamental: minha professora era uma figura amorosa e maternal, que se destacava em meio àquelas dificuldades.

Ser uma aluna do primeiro ano significa não apenas aprender a ler e escrever, mas também lidar com as complexidades emocionais que a infância traz. Meus pais estavam separados, e essa realidade me isolava. Enquanto os outros meninos e meninas falavam sobre suas famílias, eu sentia um nó na garganta, temendo que alguém perguntasse sobre meu pai ou minha mãe. A sensação de ser diferente, de não ter uma família "**normal**", era como uma sombra que me acompanhava todos os dias na escola.

Além disso, havia o problema dos piolhos. Aquelas pequenas criaturas se tornaram um símbolo da minha insegurança. Eu me lembro de como as crianças olhavam para mim. Era como se, além da separação dos meus pais, eu carregasse um estigma que me tornava alvo de olhares. A sala de aula, que deveria ser um espaço de aprendizado e amizade, transformava-se em um campo de batalha emocional. Assim como o protagonista de Machado de Assis, que se sentia preso e ansioso, eu também ardia de vergonha, desejando que o tempo passasse mais rápido para que eu pudesse voltar para casa.

No entanto, havia a professora, que se destacava como um farol de carinho e compreensão. Com seu jeito amoroso e maternal, já mais velha, ela sempre se preocupava com o bem-estar de cada aluno. Quando percebia que eu estava triste, ela me chamava em sua mesa e com um olhar terno, oferecia um abraço e um colo. Sua presença era reconfortante, e suas palavras gentis me faziam sentir que, apesar das dificuldades, eu não estava sozinha. Com a tia Heleninha aprendi que a escola podia ser um lugar bom, seguro e acolhedor.

Hoje, ao refletir sobre essas experiências, percebo que, assim como o protagonista do conto, eu estava aprendendo não apenas a ler e escrever, mas também a lidar com as

complexidades da vida. A escola, com suas alegrias e tristezas, foi um espaço de formação que me ensinou muito sobre empatia, resiliência e a importância de acolher aqueles que, como eu, enfrentam desafios únicos. A figura amorosa da minha professora foi fundamental nesse processo, mostrando-me que, mesmo em meio às dificuldades, sempre há espaço para o amor e a compreensão.

Por outro lado o apoio da família, ainda que não a convencional, se apresentou com toda a força das mulheres em minha vida que me fizeram quem sou. Certa vez, nos primeiros anos de alfabetização, estava com dificuldades para fazer uma composição, como eram chamadas as redações naquela época. A tia, uma segunda mãe e professora também, parou seus afazeres, que eram muitos, pois era o pilar de sustentação da família, parou tudo para me ajudar a fazer a composição. A sensação de ter a atenção da tia foi muito importante no processo de escrever, desenhar a letra no papel e de como de repente ficou mais fácil fazer algo que parecia tão difícil.

Ressoam nos ouvidos algumas canções: “põe aqui o seu pezinho bem juntinho, ao pé do meu e depois não vá dizer que você se arrependeu”! Mão dadas em roda, correr pelo parque... Vermelho, azul, amarelo, cores vivas! A perua escolar pintada de letras grandes, hora do recreio: pão com margarina e leite na garrafinha. Mas principalmente ecoa na memória o quintal da vó, lugar de brincar e aprender.

quintal da avó
contam (e disso me lembro) que
pegava todas as crianças da rua e colocava sentadas na garagem da casa da avó
para dar aula para eles
a professora em ação
aulas de que será que eu dava?
as idas com a tia professora na escola em que trabalhava
quando ajudava a alfabetizar as crianças, pobres de tudo
Caminho Suave... u-va, a-be-lha,
acho que eram essas as palavras que
com meu pouco tamanho, pouca idade,
ia ensinando a ler, um a um

Nas brincadeiras de criança já aparecia a professora que me tornaria um dia. Cena que não se apaga das lembranças: a tia, que era a segunda mãe e professora, nessa época dava aulas de alfabetização com a cartilha “Caminho Suave”. Adorava ir junto “**dar aula**”. Com nove ou dez anos eu ajudava a “**tomar**” a leitura dos alunos. Escola pública, muito pobre, as crianças lendo com dificuldade, e eu que mal tinha aprendido e já estava “**ensinando**” as letras.

Outra brincadeira de que me recordo com muita clareza, era de, por volta de 7 a 8 anos chamar a criançada da rua, colocar todo mundo sentado no chão da garagem e brincar de dar aulas. Ali eu já era a professora e ensinava as crianças. Hoje, como professora, ao refletir sobre essas experiências, percebo a importância de criar um ambiente acolhedor e inclusivo para meus alunos. Quando eu chamava a criançada da rua, reunindo todos no chão da garagem, e ali, em meio a risadas e brincadeiras, eu me tornava a professora, era um momento mágico, onde eu ensinava as crianças, compartilhando o que havia aprendido na escola.

Essa experiência de "**dar aulas**" na garagem me fez perceber o quanto a educação é uma parte intrínseca da minha identidade. Eu não apenas queria aprender, mas também desejava compartilhar esse conhecimento com os outros. A sensação de estar no papel de professora, em um momento lúdico, me proporcionava uma alegria imensa.

Agora, ao olhar para meus alunos, vejo que essa mesma energia e entusiasmo são essenciais para o aprendizado. Acredito que cada criança tem um potencial único, e meu papel como educadora é ajudá-las a descobrir e desenvolver esse potencial. Assim como minha professora fez por mim, busco criar um espaço onde meus alunos se sintam seguros, valorizados e motivados a aprender.

Essas memórias da infância, tanto as alegres quanto as desafiadoras, moldaram não apenas quem eu sou, mas também como ensino. A brincadeira de dar aulas na garagem é um lembrete constante de que a educação deve ser uma experiência divertida e envolvente, onde cada aluno se sinta parte de algo maior. Afinal, a aprendizagem é um processo colaborativo, e cada um de nós, seja aluno ou professor, tem um papel fundamental nessa jornada.

3. CONTINUANDO A TESSITURA: A FORMAÇÃO ACADÊMICA E O TEATRO

Ensino médio (sempre bolsista nas escolas particulares),
teatro na escola: paixão avassaladora

Gostava de ir à escola. Dos primeiros anos após a alfabetização não me lembro dos livros que lia, mas vem à mente o tio lendo para mim no sofá. Das histórias e músicas que ouvia na vitrola alaranjada não esquecerei, aqueles minis LPs, não sei como se chamavam exatamente, eram os disquinhos, que tinham histórias dos dois lados. Foram muitas horas na varanda ouvindo.

Sempre fui mais afeiçoada às matérias da área de humanas, mas a matemática também corria bem até o fim do Ensino Médio. Depois que terminei o Ensino Médio e passei

no vestibular, a matemática sumiu completamente da minha mente. Se os filhos precisam de ajuda na escola, não consigo ajudar. Penso que, de fato, não aprendi os conteúdos, foi um tempo de decorar fórmulas e depois esquecer. Infelizmente acredito que seja assim para muitas pessoas.

A matéria de Artes na parte de desenhos e produção de artes manuais sempre foi uma dificuldade. O que fica para mim é que não sabia desenhar e ainda não sei.

Quanto à disciplina ou falta dela eu era considerada uma aluna que falava demais! Na educação física brigava muito, até que a professora passou a tirar nota de mim a cada briga. Detalhe importante: meninos e meninas faziam educação física separados e para as meninas havia uma professora e para os meninos um professor.

mãe professora de português, tia professora de matemática, tio diretor de escola
o pai foi fazer a faculdade de Direito depois dos 50

Venho de uma família, na parte materna, de vários professores que sempre valorizou muito os estudos. Naquela época não era comum, mas o meu avô não se preocupava se as filhas iam casar-se, queria que estudassem. Dos seis filhos quatro se formaram professores.

Porém, como costuma acontecer, não se desejava o mesmo para os descendentes. Professor sofre, professor trabalha muito, professor ganha pouco! Essas eram as falas que pouco a pouco formavam o pensamento geral familiar desencorajando a profissão de professora como primeira opção de vida.

O engraçado é que a opção pela docência acontece tempos depois de já formada Bacharel em Artes Cênicas. A princípio como complemento de renda para a atriz iniciante e em seguida como única opção. Porém antes da Pedagogia vieram as artes da cena.

A vivência com teatro começou no Ensino Médio e foi proporcionada pela professora de literatura que organizou um festival. Foi aí que descobri a minha paixão primeira: o teatro!

a irmã, universitária de psicologia da USP, conta:
você sabia que existe faculdade de artes cênicas???
nossa, lá do interior nem imaginava,
é isso que quero
pai avisa: vai passar fome
respondo com a altivez e coragem da juventude:
como pão com banana se precisar mas serei feliz fazendo o que gosto!!

A jovem do interior não tinha sequer cogitado fazer faculdade de teatro. Mas quando a irmã mais velha lançou a ideia, agarrou com as duas mãos.

Encontrei nesse momento total respeito e apoio por parte da minha mãe e da tia com quem morava e que era a responsável pelo sustento. Já meu pai ficou muito contrariado com essa escolha. Com certeza tinha outros sonhos para a filha. Casamento, curso de Direito, que ele mesmo só teve oportunidade de fazer depois dos 50 anos. Prevaleceu a liberdade feminina.

Em um primeiro momento na faculdade estranhei bastante. Era a jovem do interior estranhando os costumes da universidade pública, ainda mais entre artistas. Passada a surpresa inicial aproveitei muito todo aprendizado desse período. O ponto forte foi um projeto de pesquisa intitulado “Mímesis Corpórea”, com orientação do professor Luís Otávio Burnier e que fez parte de seu doutorado.

Esse projeto de pesquisa da arte de ator com o professor Luís Otávio norteou minhas escolhas no território de atuação da atriz. Após a graduação fiz parte do Lume Teatro (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais) como atriz pesquisadora sob a coordenação de Burnier.

Paralelamente fui dar aulas de teatro em uma escola particular para garantir o sustento, ali fiquei por pouco tempo, pois a agenda de viagens das apresentações teatrais não batia com o calendário das aulas.

No Lume Teatro exerci a profissão de atriz, produtora, oficineira e palhaça. Nesse meio tempo conheci o trabalho social de uma ONG em Campinas, onde acompanhava as oficinas de circo e teatro que ali aconteciam. Fiquei completamente cativada pelas crianças, jovens em situação de vulnerabilidade social e pelo projeto em si. Foi quando fiz a escolha oposta: deixei a vida profissional do teatro e passei a me dedicar completamente ao trabalho na ONG, novamente as agendas de viajar com o grupo teatral e estar disponível para dar aulas não batia. Optei pelas crianças e as aulas.

Este momento foi um divisor de águas importante: seguir uma carreira tradicional nas artes, talvez como atriz ou diretora, ou optar por um caminho que unisse minha paixão pela educação e pelo teatro. A decisão de me tornar professora de teatro foi, sem dúvida, uma das mais significativas da minha vida. Percebi que, ao ensinar, poderia não apenas compartilhar meu amor pelas artes, mas também impactar a vida de jovens de maneira profunda e duradoura.

Tardif (2002) chama atenção para a singularidade do trabalho do professor, que não se reduz a saberes técnicos, mas exige habilidades sociais, emocionais e intelectuais, dialogando com as necessidades específicas dos alunos e o contexto escolar. Na minha atuação como professora de teatro, essas dimensões são intensificadas, pois além da transmissão de

conteúdos, utilizo a arte como ferramenta de transformação, promovendo empatia e criatividade.

Aprofundando mais na questão da identidade há um ponto sobre o qual ainda não falei e que é essencial nessa reflexão: qual dos papéis que represento é o mais importante? Qual o mais significativo? O que vem em primeiro lugar?

o que vem primeiro?
dizem que depois que uma mulher se torna mãe isso sempre vem em primeiro lugar
daí os filhos crescem
e daí? como ficamos?
continuamos colocando a mãe em primeiro lugar!
essa não é uma pergunta
mas uma luta diária
colocar-se em primeiro lugar
e o que isso significa?

É senso comum esse pensamento de que, depois que uma mulher se torna mãe essa tarefa se torna a mais importante em sua vida. Com o passar dos anos os filhos crescem e surge um vazio. Eles seguem suas vidas, seus caminhos e a mãe se vê até meio perdida sem saber ao certo o que fazer com a própria vida. Incapaz de olhar para si mesma, muitas vezes continua colocando a preocupação com os filhos adultos à frente dos cuidados consigo mesma.

No processo de relatar minhas experiências não posso deixar de dizer que sou mãe de quatro filhos, agora quatro jovens adultos caminhando para a vida e para o mundo. Na minha identidade da mulher que se tornou mãe entra, na grande maioria das vezes, em primeiro lugar o papel da mãe. Por mais que exista a busca pela mulher e pessoa que já existia antes da mãe, aquela fica encoberta pelo papel da mãe.

Pela minha percepção do “**ser mulher**” e existir nesta sociedade, buscando desapegar de rótulos e estereótipos, comportamentos esperados e considerados adequados, conseguindo um pouco, mas nem tanto, resistir e não sucumbir.

Com o desejo de encontrar a resposta de uma das perguntas iniciais deste trabalho sobre quem é esta que aqui se apresenta, a Luciene, com todas as nuances das diversas representações na vida, surge a necessidade de falar sobre essa mãe de quatro filhos que busca profundamente não perder o contato consigo mesma. O não perder-se, não ser a “**boa**” em nenhum desses papéis, como bem explicam Diniz e Gerbara, mas sim ser a pessoa capaz de representá-los sem perder a si mesma.

Não acolhemos mais o silêncio da obediência em nós. É esta a novidade que toca os nossos ouvidos. Já não silenciamos as nossas dores comuns. Já não somos mais as boas mães, as boas filhas, as boas esposas, as boas noviças, as boas cristãs. Já não somos mais filhas de Deus Pai Todo-Poderoso e de Mãe Igreja nenhuma. Não queremos mais ser as mães dolorosas nem carregar a sina de tantas Pietás que choram o filho sempre de novo crucificado. (DINIZ, GEBARA, 2022, p. 29)

O não aceitar o papel de “**mãe dolorosa**”, como aquela que somente vive para os filhos, tem sido a essência do esforço hercúleo do meu existir. Iniciar um curso de Pedagogia, no formato EAD, significou horas e horas dedicadas ao estudo em que os afazeres da casa, o cuidar dos filhos ficaram em segundo plano.

o tio contava que criança, eu dizia:
vou ter uma fileira de filhos,
um monte, uma escadinha (fazendo o gesto com as mãos)
e fazer duas trancinhas nas meninas
dito e feito
4 filhos, 1 por ano, maluca, doida, como vai sustentar?
Viavez
espanto, susto, desespero,
a mais nova com um ano e meio, o mais velho com 5!!
e agora?????

É neste momento que a necessidade de sustentar uma família com quatro filhos sozinha começa a direcionar as escolhas. Além da dor da perda do ser amado, o desespero de me ver sozinha com tarefa tão imensa.

Uma lenta e cruel pedagogia da morte. O que podemos pensar sobre ela? Como dizer adeus? Como aprender esse instante inaudito, que se encerra no que termina e no que conclui? Como estar à altura do acontecimento, de uma ferida ou de um desgarrar, da vida, da morte, à altura da despedida? (BÁRCENA, 2010, p.69).

O que há para se aprender na situação do luto? Ele com certeza me empurrou para a luta com todas as forças. A vida aqui continuava e era necessário cuidar dos filhos. Prover o sustento e uma vida de acolhimento e amor. Fiz a despedida e nasci para outra coisa como Bárcena diz “Acredito que estar à altura daquilo que nos passa é algo como aceitar o acontecimento e nomear a despedida. É despedir-nos de algo; é morrer em algo, e nascer para outra coisa.” (BÁRCENA, 2010, p.70).

Assim como meu avô fiz questão de passar para os meus filhos a importância do estudo como oportunidade de uma vida boa, de desenvolvimento humano, de valorização do

conhecimento e de melhoria econômica. E eles agarraram suas oportunidades, apesar de estudarem a vida toda em escola pública estão agora nas melhores universidades do país.

4. DO TEATRO À EDUCAÇÃO

Os caminhos foram se delineando, em um ir e vir, de planos bem traçados, escolhidos e outros surgidos pela surpresa das necessidades: “caminhos tenho vários: pego a agulha e fio, motivo a motivo, armo a trama: ou pego o tapete e despeço: ou planto a hera e espero (...)” (LACERDA, 1986, p. 9). Sim, caminhos temos vários. Mas qual escolher? Por qual caminhar?

Fui e voltei, mudei a direção, reprogramei o GPS, em uma metáfora para as escolhas que fiz, especialmente no contexto de decidir entre ser atriz ou professora. Essa jornada de "**ir e voltar**" reflete a complexidade das decisões que enfrentei.

Quando decidi seguir a carreira de atriz, mergulhei em um mundo de criatividade, expressão e performance. A arte cênica me levou a viver emoções, contar histórias e conectar-me com o público de maneiras profundas e significativas. No entanto, ao longo do tempo, percebi que a atuação, embora gratificante, não preenchia completamente meu desejo de impactar a vida das pessoas de forma mais direta e duradoura.

Assim, "**voltar**" pode simbolizar a reflexão sobre essa escolha inicial e a busca por um novo caminho. A transição para a pedagogia representa uma mudança de direção, onde a ênfase não está apenas na performance, mas na formação e no desenvolvimento de outros. Como professora, tenho a oportunidade de inspirar jovens e criar um ambiente de aprendizado que valoriza a criatividade e a expressão individual, algo que também é fundamental nas artes cênicas.

"Reprogramar o GPS" sugere a necessidade de ajustar minhas metas e expectativas à medida que evoluí. Essa reprogramação tem sido essencial, pois me permite alinhar minhas paixões e habilidades com os objetivos da minha vida. Ao integrar minha formação em Artes Cênicas com a Pedagogia, estou criando um caminho único que combina a arte de ensinar com a arte de atuar. Essa fusão não apenas enriquece minha prática pedagógica, mas também me permite continuar a explorar a criatividade e a expressão, agora de uma maneira que impacta diretamente a vida dos meus alunos.

Em resumo, essa frase reflete a essência da minha jornada: a busca constante por significado e propósito nas escolhas que faço. Ser atriz e professora não são caminhos

mutuamente exclusivos, mas sim partes de uma mesma trajetória, onde cada experiência contribui para meu crescimento pessoal e profissional. A flexibilidade de "ir e voltar" e a disposição para "**reprogramar o GPS**" são fundamentais para encontrar um equilíbrio entre essas duas paixões, permitindo-me ser uma educadora que valoriza a arte e a criatividade em cada sala de aula.

A trajetória de formação docente é contínua e marcada por aprendizagens que ultrapassam a etapa formal inicial, como enfatiza Tardif (2002, p. 27). Minha decisão de buscar a formação em Pedagogia após anos de atuação em Artes Cênicas é um exemplo desse processo vivo de construção do saber, que se dá ao longo da vida profissional, enriquecendo e ampliando minha prática pedagógica.

No contexto de escolher entre ser atriz ou professora, essa escolha pode ser vista como um reconhecimento da importância de um caminho que não apenas busca a realização pessoal, mas também considera o impacto que essa escolha terá sobre os outros e sobre a sociedade.

A escolha desse caminho crítico é uma decisão que envolve responsabilidade, consciência e um desejo de contribuir para um mundo mais reflexivo e engajado. Essa escolha pode ser desafiadora, mas também é profundamente gratificante, pois permitiu uma diferença significativa na minha vida, seja através da arte ou da educação.

Essa escolha por cursar a Pedagogia, dando ênfase ao trabalho como professora, reflete um compromisso com a transformação pessoal e social. Ser professora me permite formar a próxima geração e instigar o pensamento crítico e a criatividade.

Para Nilma Lacerda o papel da tapeçaria é como um abrir dos olhos para a percepção mais profunda da realidade, transformando o ato de riscar e criar em uma maneira de dar sentido à experiência humana destacando a importância de testemunhar o próprio tempo e expressar-se de forma a defender o que é essencial, gritar e resistir, como forma de marcar presença na história e buscar as mudanças necessárias (LACERDA, 1986).

Na tessitura da tapeçaria da minha vida se encontra a infância no interior, a menina que gostava de brincar de professora, a jovem rebelde que desafiou o pai e foi fazer teatro, a mãe de quatro filhos, aquela que tentou fugir da “**sina**” da família de professores e terminou por abraçar a profissão, e tantas outras.

5. TECENDO OS PRÓXIMOS DESAFIOS – PERSPECTIVAS

Como encontrar o fio que liga todas essas experiências na formação da pessoa que aqui vos escreve? Como um grito de resistência surge esse trabalho, como forma de marcar a minha existência, deixando registrada a busca incessante do sentido desse caminhar.

A formação em Artes Cênicas não apenas me proporcionou habilidades técnicas e criativas, mas também me fez refletir sobre o poder transformador do teatro na educação.

Trabalhar como professora de teatro, unindo a pedagogia e as artes cênicas, me permite criar um espaço onde os alunos podem explorar suas emoções, desenvolver a autoconfiança e aprender a se expressar de forma autêntica. O teatro é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal e social, e eu queria que meus alunos experimentassem essa magia. Assim como minha professora me acolheu e me fez sentir segura, eu busco proporcionar um ambiente onde cada aluno se sinta livre para explorar sua criatividade e se conectar com os outros.

No palco, os alunos têm a oportunidade de vivenciar diferentes personagens e histórias, o que os ajuda a entender melhor a si mesmos e ao mundo ao seu redor. O teatro é um espelho da vida, e ao encenar, eles aprendem sobre empatia, colaboração e a importância de ouvir e respeitar as vozes dos outros. Cada ensaio, cada apresentação, é uma chance de crescimento e descoberta.

Além disso, a prática teatral é uma forma de abordar questões sociais e emocionais que muitas vezes são difíceis de discutir. Em sala de aula, utilizo o teatro como uma ferramenta para abordar temas como bullying, diversidade e auto aceitação. Através da dramatização, os alunos podem explorar essas questões de maneira segura e construtiva, desenvolvendo não apenas habilidades artísticas, mas também uma consciência crítica e social.

A escolha de ser professora de teatro também me permite continuar aprendendo e crescendo. Cada turma traz novos desafios e novas perspectivas, e isso me mantém motivada e inspirada. A troca de experiências com meus alunos é enriquecedora, e eu me sinto privilegiada por fazer parte de suas jornadas.

Assim, ao olhar para minha trajetória, percebo que a decisão de trabalhar como professora de teatro foi uma extensão natural da minha paixão pelas artes e pela educação. É um caminho que me permite unir essas duas facetas da minha vida, criando um espaço onde a criatividade floresce e onde cada aluno pode se tornar a melhor versão de si mesmo. O teatro não é apenas uma forma de arte; é uma forma de vida, e eu estou profundamente grata por poder compartilhar essa experiência com meus alunos todos os dias.

Atualmente trabalhando como professora de teatro, em alguns raros momentos atuando como a palhaça Flor, surgem várias perguntas: por que fazer um curso de Pedagogia depois dos 50 anos de idade? Quem é a Luciene agora ao final da Pedagogia? Quem era a Luciene antes da Pedagogia? E antes? Bem antes, lá nos primeiros passos da vida escolar? E mais importante, do meu ponto de vista, como unir a Pedagogia e o Teatro? Em que uma pode acrescentar à outra? Como a Pedagogia está transformando a professora de teatro?

Estamos imaginando mundos onde o sonho é transformar a produção de armas em produção de alimentos, em casas, em água limpa em todos os lares, em respeito à dignidade comum. Sonho simples e difícil ao mesmo tempo. Viver a vida, a única que temos, sem as etiquetas do passado, que limitavam nossos direitos e responsabilidades. Soltarmo-nos das velhas estacas e cordas para deixar fluir a vida e reconhecer nossas capacidades múltiplas de imaginar um mundo melhor para o nosso presente. Vivas à nossa imaginação! (DINIZ, GEBARA, 2022, p. 60)

Ouso acrescentar o sonho de transformar a produção de armas, o acúmulo de riquezas, a ganância, o egoísmo, em escolas encantadas, porém reais, onde os alunos gostem de aprender e os professores sejam valorizados e devidamente recompensados. Onde a escala de trabalho não seja desgastante ao ponto de querer desistir. Onde a Arte seja reconhecida como essencial para a existência humana. Enfim, onde o teatro seja um dos alimentos que nutre e faz crescer.

Escrever este memorial tem sido uma jornada profundamente reflexiva e transformadora, especialmente agora que estou finalizando minha formação em Pedagogia, tanto anos depois de ter me graduado em Artes Cênicas. Este processo não se resume apenas a relatar eventos e conquistas, mas em mergulhar em minhas memórias, emoções e aprendizados ao longo da vida, conectando as duas áreas que escolhi.

Desde o início, percebi que a experiência de escrever o memorial me permitia explorar a intersecção entre as Artes Cênicas e a Educação. Ao refletir sobre minha trajetória, fui capaz de identificar como minha formação em teatro não apenas moldou minha expressão artística, mas também influenciou minha abordagem pedagógica. O teatro me ensinou a importância da empatia, da comunicação e da criatividade, habilidades que considero essenciais para um educador.

A escrita deste memorial proporcionou-me um espaço de reflexão profunda, alinhado à compreensão de Tardif (2002) de que o saber docente é plural e integrado, envolvendo experiência, teoria e prática. A articulação entre minha história nas Artes Cênicas e minha

prática pedagógica reafirma o valor do teatro não apenas como arte, mas como meio essencial para a educação integral, atuação social e desenvolvimento humano.

Esse exercício levou-me a um espaço de introspecção, onde pude revisitar momentos significativos da minha vida. Ao relembrar as experiências que vivi no palco e na sala de aula, percebi como cada uma delas contribuiu para moldar minha identidade e minha visão de mundo. A paixão pelas artes e o desejo de impactar a vida de outras pessoas se entrelaçam de maneira profunda, e essa conexão se reflete em minha prática pedagógica.

Além disso, o ato de escrever me proporcionou um senso de clareza. À medida que organizava meus pensamentos e experiências, pude identificar temas recorrentes, como a importância da educação inclusiva, a busca pela expressão autêntica e o poder do teatro como ferramenta de transformação social. Essa clareza me ajudou a reafirmar meu compromisso com a educação e a arte, e a entender melhor o papel que desejo desempenhar na vida de meus alunos.

Escrever o memorial também foi um exercício de vulnerabilidade. Compartilhar minhas histórias, desafios e triunfos exige coragem, mas também é uma forma de conexão. Ao expor minhas experiências, espero inspirar outros a refletirem sobre suas próprias jornadas e a valorizarem suas histórias. Essa troca de experiências é fundamental, especialmente em um campo como a educação, onde a empatia e a compreensão são essenciais.

Por fim, escrever meu memorial tem sido uma experiência gratificante. Ao concluir cada seção, sinto um senso de realização e orgulho. Este documento não é apenas um relato da minha trajetória, mas uma celebração das minhas conquistas e um reconhecimento das lições aprendidas. Estou animada para compartilhar essa parte da minha vida, na esperança de que minha história possa incentivá-los a seguir suas próprias paixões.

Em suma, a experiência de escrever o memorial tem sido um processo de autodescoberta, reflexão e celebração. É uma oportunidade de olhar para trás com gratidão e para frente com esperança, reafirmando meu compromisso com a educação e as artes cênicas.

6. REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Conto de escola**. Disponível em: <http://biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://biblio.co.br/>. Acesso em: 08/12/2024.

BÁRCENA, Fernando. A dignidade de um acontecimento. Sobre uma pedagogia da despedida. In : PAGNI, Pedro Angelo; GELAMO, Rodrigo Peloso (org.). Experiência, educação e contemporaneidade. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Poiesis, 2010. p.67-88. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2010.978-85-7983-062-4.p67-88>

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2002.

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203915/mod_resource/content/1/U-3%20-%20%2810%29%20GOFFMAN%2C%2BE.%2BA%2Brepresenta%C3%A7%C3%A3o%2Bdo%2Beu%2Bna%2Bvida%2Bcotidiana.pdf

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Manual de Tapeçaria**. Romance. Rio de Janeiro/RJ: Philobiblon, em convênio com a Fundação Rio, 1986. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/688023335/Manual-de-Tapecaria-Nilma-Lacerda-1>

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.